As embarcações de orixás da mostra Brasil, Arte Popular Hoje que atracaram no CCSF

Raisa Filgueira Soares Gomes (pós-graduanda) – Universidade de Brasília

Resumo expandido:

No período da década de 1980 a mostra Brasil, Arte Popular Hoje foi concebida, pela autoria da antropóloga, curadora e museóloga Lélia Coelho Frota. A exposição atendia a pedidos do ministro Celso Furtado e do secretário da cultura Aloísio Magalhães, para ser apresentada no Grand Palais, França em decorrência do projeto Brasil/França. Foi inaugurada no ano de 1987 e foi exibida de 3 de abril a 18 de maio, com a promessa de circular outros países, o que não aconteceu. Concluído o período de exibição da mostra no Grand Palais, ela retorna ao Brasil e fica depositado no Museu de Arte de Brasília (MAB), até ser decidido o seu destino. Não encontrando nenhuma instituição que pudesse receber a exposição, por motivos financeiros, o ministro Celso Furado, oriundo da Paraíba, orientou que a exposição fosse encaminhada para o recém criado Centro Cultural São Francisco (CCSF), antigo Convento Franciscano. Fizeram parte da exposição artistas das mais vastas localidades do território brasileiro, com linguagens que abarcavam os ex-votos, carrancas, grafismo das xilogravuras, esculturas em cerâmica, em madeira, artefatos indígenas e afrobrasileiros, e demais produções. A exposição que originalmente foi pensada para ser de caráter itinerante, transformou-se em exposição permanente ao ter parte de sua coleção doado ao CCSF. Esse trânsito proporcionou mutações à mostra, contudo, o presente recorte irá mostrar acerca da trajetória e permanência das peças relacionadas a produção afrobrasileira, que hoje fazem parte do CCSF, localizado na cidade de João Pessoa, Paraíba. Consta no catálogo de 1987, elaborado durante a construção da exposição, obras de embarcações atribuídas aos orixás, como Exu e Iemanjá. A primeira embarcação a ser mostrada será a obra viagem dos exus, de Tamba (Cândido Santos Xavier), natural de Cachoeira, Bahia, e a peça é proveniente da Fundação Nacional de Arte (Funarte). A segunda, trata-se da obra Barca de Iemanjá, de autor desconhecido, recolhido por Théo Brandão na festa de 1º de janeiro, do Bom Jesus dos Navegantes. São duas obras representativas e potentes, que navegaram por muitos mares até atracarem em um porto de incertezas e hoje elas resistem, contando suas histórias, mesmo com as marcas e condicionadas a um longo período na reserva técnica. Diante do exposto, o presente trabalho objetiva promover o debate acerca dessa realidade, desconhecida por muitos, para pensar em uma outra história da arte.

Palavras-chave: Arte Popular; Curadoria; Exposições; Acervos; Centro Cultural São Francisco.